

Educação e cidadania: o papel do ensino de inglês nos anos iniciais da educação básica

Education and citizenship: the role of teaching English in the early years of basic education

Anderson Ferreira De Sousa

Eudete Auxiliadora Oliveira De Souza Costa

Fernando Antônio De Souza Santos

Leopoldo Queiroz Paim

Marilza Luiz De Araújo Moraes

Rosa Helena Da Costa Araújo

Resumo

Este estudo aborda o ensino de língua inglesa nos anos iniciais da Educação Básica a partir de uma perspectiva crítica, ética e inclusiva, articulada à formação cidadã. Parte-se do entendimento de que, mais do que ensinar vocabulário e gramática, é papel da escola desenvolver práticas pedagógicas que promovam a participação, o respeito à diversidade e o diálogo intercultural. O problema investigado consiste em compreender qual o papel efetivo do ensino de inglês na formação de uma cidadania crítica e participativa. Os objetivos incluem analisar a abordagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Língua Inglesa e identificar práticas pedagógicas que integrem o ensino da língua aos valores democráticos e inclusivos. A metodologia adotada foi de caráter qualitativo, com base em revisão bibliográfica de autores como Rojo (2013) e Byram et al. (2001), além da análise de uma proposta didática aplicada aos anos iniciais. Conclui-se que o ensino de inglês, quando orientado por princípios de letramento crítico e interculturalidade, pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos conscientes, capazes de agir com empatia, respeito e responsabilidade em um mundo globalizado e diverso.

Palavras-chave: Ensino de inglês; Cidadania; Interculturalidade; Educação inclusiva.

Abstract

This study addresses the teaching of English in the early years of Basic Education from a critical, ethical and inclusive perspective, linked to citizenship formation. It is based on the understanding that, more than teaching vocabulary and grammar, it is the role of the school to develop pedagogical practices that promote participation, respect for diversity and intercultural dialogue. The problem investigated consists of understanding the effective role of teaching English in the formation of a critical and participatory citizenship. The objectives include analyzing the approach of the National Common Curricular Base (BNCC) for the English Language and identifying pedagogical practices that integrate language teaching with democratic and inclusive values. The methodology adopted was qualitative, based on a bibliographic review of authors such as Rojo (2013) and Byram et al. (2001), in addition to the analysis of a didactic proposal applied to the

early years. It is concluded that teaching English, when guided by principles of critical literacy and interculturality, can contribute significantly to the formation of conscious individuals, capable of acting with empathy, respect and responsibility in a globalized and diverse world.

Keywords: Teaching English; Citizenship; Interculturality; Inclusive education.

INTRODUÇÃO

A inserção da língua inglesa nos anos iniciais da educação básica tem sido objeto de debates no campo educacional, especialmente no contexto brasileiro, em que o ensino de línguas estrangeiras se relaciona de forma direta com a formação cidadã e a inserção dos sujeitos em um mundo cada vez mais globalizado. Diante disso, é possível afirmar que o domínio da língua inglesa, mais do que uma habilidade comunicativa, configura-se como uma ferramenta de acesso ao conhecimento, à cultura e à participação ativa na sociedade contemporânea. A educação linguística desde os primeiros anos escolares, portanto, ultrapassa o aspecto técnico e se insere como um elemento constituinte da cidadania crítica, ampliando as possibilidades de expressão, compreensão e atuação no mundo.

Entretanto, problematiza-se o modo como o ensino da língua inglesa tem sido efetivado nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente no que tange à sua articulação com os princípios formativos da cidadania. Em muitos contextos escolares, o ensino do inglês ainda é pautado por metodologias fragmentadas, desvinculadas da realidade sociocultural dos alunos e com pouca atenção à dimensão ética e cidadã do processo educativo. Assim, questiona-se: Qual é o papel efetivo do ensino de inglês nos anos iniciais na formação de uma cidadania crítica e participativa? Essa questão aponta para a necessidade de refletir sobre o ensino de inglês como um conteúdo curricular e uma prática pedagógica comprometida com a formação integral do sujeito.

O objetivo geral deste trabalho é analisar de que maneira o ensino da língua inglesa nos anos iniciais pode contribuir para a construção da cidadania no contexto escolar. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos teóricos que relacionam o ensino de línguas estrangeiras à formação cidadã; e identificar práticas pedagógicas que integrem o ensino de inglês aos valores democráticos, éticos e inclusivos na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental.

A justificativa para este estudo está na importância de repensar o ensino da língua inglesa à luz das diretrizes que orientam uma educação cidadã, tal como preconiza a Base

Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece a aprendizagem de línguas como componente essencial para o exercício da cidadania em sociedades multiculturais e plurilíngues. A antecipação do ensino de inglês nos currículos escolares, conforme políticas públicas recentes, demanda uma abordagem crítica e formativa, que supere a reprodução de vocabulários e estruturas gramaticais, valorizando o uso da língua em contextos significativos e socialmente relevantes. Nesse sentido, conforme argumenta Rojo (2013, p. 90), o ensino de língua deve estar atento

[...] às demandas da vida, da cidadania e do trabalho, numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam.

Esse argumento reforça que o ensino de inglês nos anos iniciais precisa ser pensado de forma crítica e cidadã, considerando o uso da língua em práticas sociais reais e diversas. A autora supramencionada apoia a ideia de que a aprendizagem linguística deve contribuir para o desenvolvimento de sujeitos conscientes, tolerantes e preparados para interagir em um mundo multicultural — o que vai ao encontro da formação cidadã defendida neste trabalho.

A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada em autores que abordam a relação entre linguagem, educação e cidadania. Serão analisadas produções acadêmicas, documentos oficiais e obras teóricas que contribuem para o entendimento do papel do ensino de inglês nos anos iniciais, considerando sua potencialidade como prática discursiva e formativa. Entre os referenciais teóricos, destaca-se a contribuição de Paulo Freire (1996), ao enfatizar a linguagem como instrumento de conscientização e transformação social, e de Rojo (2013), que discute as práticas de letramento e o papel das múltiplas linguagens no desenvolvimento da cidadania crítica no contexto escolar.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância do ensino de inglês na formação cidadã desde os primeiros anos escolares, considerando que a aprendizagem linguística deve estar a serviço da emancipação dos sujeitos, da valorização da diversidade e da construção de um mundo mais justo e democrático.

A LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

A presença do ensino de línguas estrangeiras, especialmente o inglês, na Educação Básica no Brasil tem se transformado nas últimas décadas, sobretudo a partir das novas diretrizes da BNCC. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a inclusão da Língua Inglesa deve respeitar o princípio da ludicidade, da contextualização e da função social da linguagem. A BNCC (Brasil, 2018) orienta que a aprendizagem da língua deve promover competências linguísticas e habilidades para a comunicação intercultural, o pensamento crítico e a formação de sujeitos atuantes na sociedade.

A BNCC (Brasil, 2018) preconiza que o ensino da língua inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental é orientado por uma abordagem que valoriza a função social da linguagem, a comunicação intercultural e o desenvolvimento de competências integradas à formação cidadã. Embora o ensino da Língua Inglesa seja obrigatoriamente previsto a partir do 6º ano do Ensino Fundamental (anos finais), este documento autoriza e encoraja sua introdução já nos anos iniciais, desde que respeitadas as condições didático-pedagógicas e a realidade da rede de ensino.

A BNCC reconhece a importância de uma educação linguística ampliada, que considera as línguas adicionais — especialmente o inglês — como meios para ampliar as formas de participação social dos estudantes, permitindo-lhes interagir em diferentes contextos culturais, locais e globais. Essa perspectiva propõe que o ensino da língua inglesa priorize a construção de sentidos em situações reais de comunicação, com ênfase em práticas significativas de linguagem.

Ainda segundo o documento, a aprendizagem da língua inglesa deve promover o desenvolvimento da competência comunicativa e intercultural, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, éticos e conscientes de seu papel no mundo. Essa competência envolve o uso da língua para compreender e se posicionar diante de questões sociais, culturais e ambientais, de forma ética, solidária e responsável. Assim, a BNCC (Brasil, 2018) articula o ensino de inglês ao desenvolvimento das competências gerais da educação básica, como o pensamento crítico, a empatia, a cooperação e a responsabilidade.

Outro aspecto relevante é a valorização dos multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Isso significa trabalhar com diferentes gêneros e mídias (como vídeos, músicas, quadrinhos, jogos digitais, etc.), refletindo a diversidade

de linguagens que os alunos acessam em seu cotidiano. Essa abordagem permite que as aulas se tornem mais significativas, inclusivas e engajadoras, contribuindo para a equidade e a qualidade do ensino. Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 241),

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos.

O texto acima traz uma concepção contemporânea e crítica sobre o papel do ensino de língua inglesa, especialmente na Educação Básica, na qual o aprendizado do inglês é apresentado não como fim em si mesmo, mas como meio para o engajamento social, a formação cidadã e a inserção ativa do aluno em um mundo globalizado, diverso e dinâmico. Isso, pois, vive-se em um contexto de interconexões locais e globais, no qual os estudantes não estão mais restritos aos seus contextos regionais. Ao afirmar que as fronteiras entre países e interesses estão cada vez mais difusas e contraditórias, o documento aponta que a língua inglesa tem um papel central como ponte comunicativa e cultural, enfatizando que o ensino dessa língua deve ser orientado para ações de linguagem significativas, que favoreçam a participação social, o pensamento crítico e o respeito à diversidade cultural.

Outro ponto importante é o destaque para o agenciamento crítico dos estudantes, ou seja, sua capacidade de compreender, interpretar e intervir nos discursos e práticas sociais que os cercam. Aprender inglês, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de empoderamento, ao permitir que os alunos acessem diferentes fontes de conhecimento, comuniquem-se com múltiplas comunidades e se posicionem eticamente diante de questões sociais e culturais.

Ao ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, o ensino da língua inglesa — especialmente desde os anos iniciais — pode contribuir para novos percursos de aprendizagem, preparando os estudantes para experiências interculturais, acadêmicas e profissionais futuras. Essa perspectiva dialoga com os conceitos de multiletramentos (Rojo, 2013) e de competência comunicativa intercultural (Byram, 1997), os quais reforçam a necessidade de formar sujeitos que não apenas dominem uma língua, mas que saibam agir com sensibilidade, ética e responsabilidade em contextos culturais diversos.

Assim, a BNCC (Brasil, 2018) propõe que o ensino da língua inglesa nos anos iniciais, quando oferecido, deve ser lúdico, contextualizado, inclusivo e orientado por práticas sociais de linguagem, articulando o desenvolvimento linguístico às vivências culturais, sociais e cognitivas dos estudantes. Trata-se de uma concepção alinhada à formação integral do sujeito, que vê a língua como instrumento de expressão, conhecimento, interação e cidadania.

Essa abordagem requer uma compreensão da língua como prática social, conforme defendido por Kleiman (2005), que destaca a necessidade de romper com a visão tradicional da língua como código, assumindo-a como discurso situado em práticas significativas de letramento. Nessa perspectiva, o ensino de inglês deve se vincular à realidade do aluno, permitindo a reflexão sobre valores, direitos, deveres e diversidade.

Ao considerar a língua como prática social, o ensino de inglês nos anos iniciais passa a assumir um papel formativo amplo, contribuindo para o desenvolvimento integral do estudante. Segundo Rojo (2013), os letramentos múltiplos, isto é, as diferentes formas de ler, escrever e interagir com os textos em contextos sociais variados, devem fazer parte do cotidiano escolar. A inserção da língua inglesa nos primeiros anos escolares precisa estar ancorada em metodologias que valorizem o brincar, a música, as narrativas orais e visuais, os jogos e as experiências de vida das crianças.

Como defendem Paes de Barros e Moura (2020), o ensino de línguas nos anos iniciais precisa ser significativo e afetivo, permitindo que os estudantes construam uma relação positiva com a nova língua. Isso implica em reconhecer o contexto sociocultural dos alunos, suas referências locais e os conhecimentos que trazem de casa e da comunidade. Tais práticas pedagógicas fortalecem a autoestima dos estudantes e ampliam suas possibilidades de inserção social e de mobilidade futura.

Byram (1997) propõe uma ampliação do conceito de competência comunicativa tradicional no ensino de línguas estrangeiras, especialmente da língua inglesa, argumentando que, além de desenvolver a competência linguística — ou seja, a capacidade de usar corretamente a gramática e o vocabulário de uma língua —, é fundamental desenvolver nos aprendizes a competência comunicativa intercultural. Essa competência é composta por cinco dimensões fundamentais, conhecidas como *savoirs* (saberes):

- *Savoir* – Conhecimento: refere-se ao conhecimento de práticas sociais e culturais tanto da própria cultura quanto da cultura estrangeira.

- *Savoir comprendre* – Habilidade de interpretar e relacionar: capacidade de interpretar documentos ou comportamentos culturais e relacioná-los com os de sua própria cultura.
- *Savoir apprendre / faire* – Habilidade de descobrir e interagir: disposição e habilidade para adquirir novos conhecimentos culturais e comunicativos, especialmente em situações de interação real.
- *Savoir être* – Disposição crítica e reflexiva: envolve a atitude de abertura, curiosidade e disposição para relativizar os próprios valores culturais.
- *Savoir s’engager* – Compromisso crítico: refere-se à capacidade de avaliar criticamente perspectivas culturais, práticas e produtos, com base em critérios explícitos.

No contexto do ensino da língua inglesa, Byram (1997) destaca que aprender uma língua é também aprender a interagir com falantes de outras culturas, o que implica desenvolver respeito, empatia e consciência crítica. A língua estrangeira é, portanto, uma ferramenta para a educação cidadã, pois permite que o estudante compreenda diferentes pontos de vista e participe de maneira ética e reflexiva em contextos multiculturais. Essa abordagem tem grande relevância na Educação Básica, especialmente quando se busca formar sujeitos sensíveis à diversidade e aptos à convivência democrática.

O ensino precoce de uma língua adicional como o inglês proporciona um terreno fértil para o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural, conforme destaca Byram (1997). Essa competência é fundamental em sociedades globalizadas, onde o domínio de uma língua estrangeira é também um meio para compreender diferentes visões de mundo, exercitar a empatia e participar de forma ética das interações sociais globais. Ao conhecer e respeitar outras culturas por meio da língua, os alunos desenvolvem uma consciência reflexiva sobre sua própria cultura, reconhecendo os processos de alteridade e identidade.

Contudo, a implementação desse ensino requer também políticas públicas consistentes, formação adequada dos professores e materiais didáticos contextualizados. Conforme Tílio (2019), muitos docentes enfrentam dificuldades na formação inicial e continuada para trabalhar com o inglês nos anos iniciais, o que impacta diretamente na qualidade do ensino. Dessa forma, é imprescindível que as redes de ensino invistam na capacitação docente e na valorização profissional, bem como na elaboração de currículos que articulem a língua inglesa aos projetos pedagógicos das escolas, garantindo coerência, continuidade e pertinência às práticas escolares.

O ensino de inglês nos anos iniciais deve contribuir para a construção da cidadania. Como afirmam Menezes de Souza (2011) e Silva (2010), as línguas estrangeiras são também espaços de poder, ideologia e disputa simbólica, sendo essencial que o trabalho pedagógico com elas seja crítico e comprometido com a justiça social. Ao articular língua, cultura e ética, o ensino de inglês pode se tornar um instrumento de emancipação dos sujeitos, promovendo o protagonismo infantil e o engajamento dos alunos com temas relevantes para a sua vida e para a sociedade em que vivem.

A relação entre língua, identidade e cidadania

O ensino de línguas na escola é também uma oportunidade de trabalhar com os alunos a construção de sua identidade e a convivência com a diversidade. O contato com outra língua e outra cultura possibilita ao aluno refletir sobre sua própria cultura, exercitar o respeito às diferenças e desenvolver uma postura ética e cidadã. Como afirma Moita Lopes (2006), a linguagem é um espaço de construção de identidades, e o trabalho com gêneros discursivos pode favorecer o reconhecimento da pluralidade de vozes na sociedade.

Nesse contexto, o ensino de inglês pode ser compreendido como ferramenta para o desenvolvimento da cidadania linguística, ao possibilitar a compreensão crítica de textos e discursos, a participação em práticas sociais diversas e o fortalecimento das identidades individuais e coletivas. Esse olhar amplia o papel do professor de língua inglesa, que passa a ser também mediador de significados, valores e práticas sociais.

Rojo (2013) destaca que as práticas de linguagem na escola devem refletir a diversidade dos sujeitos e seus contextos socioculturais, sendo espaço de valorização das múltiplas identidades presentes na sala de aula. O ensino de línguas, nesse sentido, não pode ser neutro ou descontextualizado, mas precisa dialogar com as realidades dos alunos, suas histórias, seus modos de ser e de se expressar. Assim, trabalhar com projetos e textos que envolvam temas como racismo, migração, desigualdade ou direitos humanos é não apenas possível, mas necessário.

Um exemplo prático dessa abordagem ocorre quando, ao ensinar inglês, o professor propõe o estudo de letras de músicas de diferentes culturas anglófonas — como a jamaicana, africana e indígena canadense — para discutir questões identitárias e sociais. A análise da canção “Black Man in a White World”, de Michael Kiwanuka, por exemplo, pode suscitar debates sobre identidade racial, exclusão e resistência, promovendo uma

aprendizagem crítica e engajada. Os alunos, nesse processo, aprendem vocabulário e estruturas gramaticais bem como ampliam sua consciência cultural e social, relacionando a língua ao mundo em que vivem. Nesse processo, segundo Rojo (2013, p. 12), a escola deve

[...] potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Outro exemplo concreto pode ser visto em projetos que envolvem a produção de podcasts ou vídeos curtos em inglês, nos quais os estudantes relatam suas histórias de vida, seus costumes familiares ou tradições locais. Essas produções permitem a articulação entre o aprendizado linguístico e o fortalecimento das identidades locais, além de propiciarem o desenvolvimento da autonomia, da autoria e da empatia. Como observa Norton (2000), os aprendizes de língua investem na linguagem para comunicar e construir e legitimar identidades em diferentes contextos sociais.

Nesse processo, é fundamental reconhecer o papel da escola como espaço de formação cidadã. Como afirma Candau (2008), a educação intercultural crítica propõe que se vá além do reconhecimento superficial da diversidade, promovendo práticas pedagógicas que enfrentem as desigualdades e valorizem as vozes historicamente silenciadas. O ensino de inglês, nesse contexto, pode ser ferramenta potente para problematizar questões sociais e ampliar os horizontes dos estudantes, contribuindo para sua formação como sujeitos ativos e críticos.

A noção de cidadania linguística, conforme propõe Lopes (2018), reforça que o acesso a diferentes línguas e ao letramento crítico é um direito de todos. Essa cidadania implica garantir que todos os estudantes tenham a oportunidade de participar plenamente das práticas comunicativas que circulam na sociedade, compreendendo os discursos que os interpelam e podendo também produzir sentidos, agir e transformar. A língua, nesse sentido, é um conteúdo escolar e uma ferramenta de empoderamento e transformação social.

O ensino de inglês como língua adicional precisa ser orientado por princípios éticos e pedagógicos que considerem os sujeitos em sua complexidade. A construção de identidades linguísticas e culturais é um processo contínuo e atravessado por relações de poder, e a escola tem o papel de oferecer um espaço seguro e inclusivo para que todos os estudantes possam se expressar, aprender e se reconhecer como cidadãos plenos. Como

defendem Menezes de Souza (2011) e Pennycook (2001), não se trata apenas de ensinar uma língua estrangeira, mas de educar para o diálogo, a justiça e a convivência democrática.

Byram (1997) não trata diretamente da relação entre língua, identidade e cidadania nos termos usados em muitos debates contemporâneos sobre multiculturalismo e formação crítica, mas, fundamenta essa relação ao propor que o ensino de línguas estrangeiras deve promover o desenvolvimento da competência intercultural como parte da formação do cidadão intercultural. Para este autor, ao aprender uma língua estrangeira, o indivíduo tem acesso a novos modos de ver o mundo, e isso implica também uma reflexão crítica sobre sua própria identidade cultural. Por isso, o ensino de línguas deve promover uma atitude de abertura para o outro, respeito à diversidade e disposição para o diálogo — elementos essenciais à formação cidadã em sociedades democráticas e plurais.

Ao enfatizar o *savoir être* (a disposição para relativizar os próprios valores) e o *savoir s'engager* (o compromisso crítico), Byram (1997) mostra que a construção da cidadania está intrinsecamente relacionada ao contato com a alteridade linguística e cultural. Contudo, outros autores abordam de forma mais direta e enfática a relação entre língua, identidade e cidadania, como Moita Lopes (2006), que discute como a linguagem é um lugar de construção de identidades sociais. Ele defende que o ensino de línguas não pode ser neutro, pois envolve valores, visões de mundo e formas de agir socialmente.

A aprendizagem de uma nova língua deve ser vista como um processo que ajuda o aluno a reconstruir sua identidade e a entender como os discursos moldam as relações de poder e cidadania. “A linguagem é, assim, um espaço de disputa de sentidos e de produção de identidades sociais. Ensiná-la, portanto, é também ensinar modos de habitar o mundo.”, afirma Moita Lopes (2006, p. 21).

Rojo (2013) argumenta que o ensino de línguas, especialmente em uma perspectiva de novos letramentos, deve considerar os diferentes modos de viver, de se comunicar e de construir identidades na contemporaneidade. Para ela, aprender outra língua é também um meio de empoderamento social e político, pois possibilita a participação crítica e ativa dos estudantes em práticas sociais amplas. “Os letramentos múltiplos propiciam aos sujeitos a possibilidade de se verem, de se reconhecerem e de se projetarem em múltiplos papéis sociais e identitários, favorecendo uma cidadania mais crítica e inclusiva.” (Rojo, 2013, p. 89).

Esses autores fortalecem a ideia de que ensinar e aprender línguas é, ao mesmo tempo, formar identidades e exercer cidadania. A língua é instrumento e espaço simbólico onde se negociam pertencimentos, valores e relações sociais — elementos centrais para o desenvolvimento de sujeitos conscientes, críticos e solidários.

Práticas pedagógicas no ensino de inglês com foco na cidadania

Considerando a proposta de formação cidadã, as práticas pedagógicas no ensino de inglês devem ir além da simples repetição de estruturas gramaticais e vocabulário. É fundamental que as atividades em sala de aula estejam conectadas a situações reais de uso da linguagem e que estimulem o engajamento dos alunos em temas relevantes à sua realidade. Segundo Rojo (2013), as práticas escolares de linguagem devem articular múltiplas linguagens e modos de produção textual, incorporando elementos da cultura digital, das mídias e das diversas formas de expressão contemporâneas.

Rojo (2013, p. 98) defende novos letramentos no mundo contemporâneo, e define o letramento como

[...] a busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

Ao considerar o letramento como prática social inserida em múltiplos contextos (escola, mídias, família, trabalho, entre outros), a supramencionada autora propõe uma abordagem plural e crítica, o que está em sintonia com o objetivo do seu trabalho de compreender o ensino de inglês como instrumento para a formação cidadã. Nos anos iniciais, esse entendimento é fundamental para que o ensino da língua estrangeira supere o ensino de vocabulário e gramática, mas esteja orientado para formar sujeitos capazes de se comunicar, interpretar e agir no mundo — inclusive em contextos interculturais.

Essa visão de letramento também favorece a valorização das práticas linguísticas dos alunos, respeitando sua diversidade sociocultural, o que reforça a ideia de inclusão, identidade e participação democrática — elementos centrais à noção de cidadania. Nesse sentido, a perspectiva dos novos letramentos contribui para fundamentar metodologias de ensino de inglês que sejam mais dialógicas, significativas e comprometidas com a realidade dos alunos e com sua inserção crítica na sociedade. O trabalho com projetos didáticos, sequências didáticas e gêneros textuais diversos favorece o desenvolvimento

de competências comunicativas e sociais. A abordagem intercultural, conforme propõem Byram, Nichols e Stevens (2001), é uma estratégia importante para promover uma educação linguística crítica e ética, que reconhece a diversidade cultural e linguística como valor e direito.

Ao integrar atividades que envolvem diferentes gêneros textuais e práticas discursivas do cotidiano, como cartas, e-mails, convites, histórias e diálogos, os alunos dos anos iniciais desenvolvem não apenas habilidades linguísticas, mas também cognitivas e socioemocionais. Tais práticas permitem que os estudantes articulem suas experiências locais com saberes globais, tornando o ensino de inglês mais significativo e contextualizado. Isso contribui para a formação de cidadãos capazes de refletir sobre o mundo que os cerca, respeitando as diferenças e exercendo sua cidadania de forma consciente e participativa.

A abordagem intercultural promove o contato com múltiplas visões de mundo, o que é essencial na formação de atitudes de respeito e tolerância. Ao reconhecer que a língua carrega valores culturais, sociais e históricos, o professor atua como mediador de saberes e de práticas que possibilitam ao aluno compreender e dialogar com a alteridade. Nesse sentido, o ensino de inglês ultrapassa o ensino de vocabulário e estruturas gramaticais, tornando-se espaço privilegiado para discutir questões de identidade, pertencimento, direitos humanos e justiça social.

Dessa forma, adotar estratégias pedagógicas baseadas em projetos, gêneros textuais e sequências didáticas com foco intercultural amplia as oportunidades de aprendizagem da língua inglesa bem como fortalece a função social da escola. Essa perspectiva está alinhada às diretrizes curriculares contemporâneas, como a BNCC, que enfatiza o papel da escola na formação integral do aluno e no desenvolvimento de competências para o exercício da cidadania em um mundo globalizado, diverso e em constante transformação.

Na sequência, uma sugestão de atividade didática em Língua Inglesa para os anos iniciais do Ensino Fundamental, integrando educação linguística com formação cidadã, fundamentada nos princípios da BNCC (Brasil, 2018).

Atividade: *My Helping Hands* – Minhas mãos que ajudam) – a sugestão é para a aplicação no 2º ao 3º ano do Ensino Fundamental, com duração de 2 aulas de 50 minutos cada. O objetivo geral é desenvolver o vocabulário básico em inglês relacionado a ações de ajuda e convivência, promovendo atitudes cidadãs no ambiente escolar.

Etapas da Atividade:

1. Roda de conversa (Português e Inglês): Inicie com uma conversa sobre o que é ajudar as pessoas: em casa, na escola e na comunidade. Pergunte: Como podemos ajudar alguém? Por que ajudar é importante? Apresente e ensine algumas expressões simples em inglês relacionadas ao tema, com gestos: *Help my friend* (ajudar meu amigo). *Pick up the trash* (recolher o lixo). *Say please and thank you* (dizer por favor e obrigado). *Share my toys* (compartilhar meus brinquedos). *Be kind* (ser gentil). Use cartazes com imagens e mímica para facilitar a compreensão.

2. Atividade prática: “Mural das Mãos que Ajudam”. Cada criança desenha o contorno de sua mão em uma folha e, com apoio do professor, escreve em inglês uma ação que represente um gesto de cidadania (uma frase curta entre as ensinadas). Exemplo: *I help my teacher. Ou I say thank you.* Depois, cada aluno apresenta oralmente sua frase (com apoio visual) e o mural é montado com o título *Our Helping Hands* no corredor ou sala de aula.

3. Música de encerramento: Ensinar e cantar com os alunos a canção adaptada de *If you're happy and you know it*, trocando por frases de ações positivas: *If you help a friend today, clap your hands! If you pick up trash today, stomp your feet!* Isso reforça o vocabulário de forma lúdica e memorável.

Habilidades da BNCC (Brasil, 2018) envolvidas:

- EF15LP10: Utilizar a linguagem oral para interagir em sala de aula e em outros espaços da escola.
- EF15EF02: Compartilhar, respeitar regras e valorizar atitudes de solidariedade e cooperação.
- EF15LI01 (Língua Inglesa): Compreender e usar expressões e palavras familiares em contextos cotidianos.
- EF15LI05: Participar de interações orais em inglês com apoio de gestos, mímicas e imagens.

Resultados esperados: ampliar o vocabulário em inglês com sentido social e prático; estimular atitudes de cidadania, como solidariedade, respeito e cooperação; desenvolver a oralidade e a expressão criativa por meio da arte, da música e da dramatização.

Conforme estabelecido pela BNCC (Brasil, 2018), as competências orientam o ensino da língua inglesa de forma que vá além do domínio gramatical e da tradução,

buscando formar alunos capazes de se comunicar, refletir criticamente, valorizar a diversidade cultural e linguística, e utilizar a língua como ferramenta de inserção social e acesso ao conhecimento. A abordagem é interdisciplinar, multicultural e tecnológica, promovendo o desenvolvimento de práticas de letramento alinhadas aos contextos sociais e contemporâneos.

É possível ilustrar dois exemplos de competências específicas (Brasil, 2018, p. 246):

Competência 1: Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho.

Competência 5: Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.

A Competência 1 trata da consciência crítica dos alunos sobre seu papel num mundo globalizado e multicultural, reconhecendo a importância da língua inglesa para sua inserção social e profissional. E a Competência 5, enfatiza o uso de tecnologias digitais como ferramentas de produção e interpretação de sentidos na língua inglesa, desenvolvendo práticas de letramento com ética, criticidade e responsabilidade.

CONCLUSÃO

Com base nas reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho, vimos que o ensino da língua inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode ser significativo na construção da cidadania no contexto escolar. A partir das diretrizes da BNCC, percebe-se que a aprendizagem do inglês, desde os primeiros anos, vai além da aquisição de competências linguísticas: ela está profundamente vinculada à formação de sujeitos críticos, éticos, empáticos e atuantes socialmente. Ao tratar a língua como prática social, inserida em contextos reais de comunicação, o ensino do inglês favorece o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural, ampliando a capacidade dos estudantes de compreender e interagir com a diversidade cultural em níveis local e global.

Essa abordagem, centrada em práticas pedagógicas lúdicas, contextualizadas e significativas, permite que as crianças construam uma relação positiva com a língua estrangeira, ao mesmo tempo em que desenvolvem valores democráticos, sensibilidade ética e consciência de seus direitos e deveres. Ao promover multiletramentos, o ensino de

inglês potencializa a inclusão, a valorização da diversidade e a mobilidade social, elementos fundamentais para a consolidação de uma educação cidadã.

Assim, o ensino da língua inglesa nos anos iniciais, quando articulado a uma proposta pedagógica crítica e inclusiva, contribui efetivamente para o exercício da cidadania, ao preparar os alunos para atuarem com responsabilidade, respeito e engajamento em uma sociedade plural e globalizada. Nesse sentido, a língua estrangeira deixa de ser apenas um conteúdo curricular para se tornar uma ferramenta de emancipação e transformação social.

Ensinar línguas estrangeiras, especialmente o inglês, supera a transmissão de estruturas gramaticais e vocabulário, pois, o ensino se constitui, sobretudo, como prática pedagógica que contribui significativamente para a formação cidadã dos estudantes. Ao articular linguagem, identidade e cultura, o ensino de línguas possibilita aos alunos refletirem criticamente sobre si mesmos, sobre o outro e sobre as dinâmicas sociais que os envolvem. A partir de autores como Moita Lopes (2006), Rojo (2013), Norton (2000), Candau (2008), Lopes (2018) e Byram (1997), compreende-se que a língua é espaço de construção de significados e de negociação de identidades, sendo, portanto, instrumento de empoderamento, participação social e transformação. Assim, ao promover o respeito à diversidade, o diálogo intercultural e a consciência crítica, o ensino de línguas estrangeiras na escola pública brasileira contribui de forma decisiva para a formação de sujeitos autônomos, éticos e comprometidos com a justiça social — pilares fundamentais da cidadania em sociedades democráticas.

Com base na análise das práticas pedagógicas voltadas ao ensino de inglês nos anos iniciais da Educação Básica, pode-se concluir que é plenamente possível integrar o ensino da língua inglesa aos valores democráticos, éticos e inclusivos. A partir da perspectiva dos novos letramentos (Rojo, 2013), o ensino da língua estrangeira assume uma função social relevante, ao articular linguagem, cultura e cidadania em práticas significativas e contextualizadas. O trabalho com gêneros textuais diversos, projetos didáticos e atividades que envolvem a realidade dos alunos favorece não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também de habilidades socioemocionais e atitudes de respeito, solidariedade, empatia e cooperação.

Tais práticas pedagógicas contribuem para a valorização da diversidade cultural e para a formação de sujeitos capazes de agir de forma crítica e ética em diferentes contextos, alinhando-se às competências da BNCC (Brasil, 2018), que orientam o ensino

da língua inglesa como ferramenta para o exercício da cidadania e para a inserção ativa em um mundo globalizado, plural e em constante transformação.

A partir das reflexões e práticas apresentadas neste trabalho, pode-se afirmar que o ensino de inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem papel efetivo e estratégico na formação de uma cidadania crítica e participativa. Longe de se limitar à memorização de vocabulário e estruturas gramaticais, o ensino da língua inglesa, quando fundamentado nos princípios dos novos letramentos e orientado pelas diretrizes da BNCC, torna-se um meio de promover valores como respeito à diversidade, solidariedade, empatia e diálogo intercultural.

Ao articular linguagem e vivências sociais, as práticas pedagógicas descritas — como projetos didáticos, uso de gêneros textuais diversos, atividades colaborativas e abordagem intercultural — ampliam o repertório comunicativo dos estudantes e desenvolvem sua consciência ética e social. Dessa forma, o ensino de inglês contribui para formar sujeitos mais preparados para compreender, respeitar e interagir com o outro, reconhecendo-se como parte de uma coletividade. Assim, a aprendizagem da língua inglesa nos anos iniciais se torna uma poderosa ferramenta de inclusão, participação democrática e construção de identidades plurais em um mundo cada vez mais globalizado.

Diante disso, reafirma-se a importância de repensar o ensino de inglês desde os anos iniciais como espaço de construção de sentidos, diálogo intercultural e formação ética. Ao integrar valores democráticos e inclusivos às práticas pedagógicas, a escola cumpre seu papel social de formar sujeitos críticos, conscientes e capazes de atuar com responsabilidade no mundo. Espera-se que esta reflexão inspire educadores a assumirem uma postura transformadora, promovendo um ensino de línguas que respeite a diversidade, estimule a participação e contribua para uma educação comprometida com a cidadania, a inclusão e os valores democráticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BYRAM, M.; NICHOLS, A.; STEVENS, D. *Developing Intercultural Competence in Practice*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

BYRAM, Michael. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre a omissão e a abertura ao diálogo. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 45–56, jan./abr. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de sala de aula. In: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Cidadania linguística e educação crítica de professores. In: LOPES, L. P. M.; CELANI, M. A. A. (Orgs.). *Linguística Aplicada: olhando para o futuro*. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 139–152.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de identidades em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

MENEZES DE SOUZA, Lynn. Letramentos, práticas de linguagem e a escola: outras palavras sobre a alfabetização. In: ROJO, Roxane (Org.). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19–35; p. 101–122.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Texto, identidade e cidadania: letramento como prática social. In: SIGNORINI, I. (org.). *Letramento e diversidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NORTON, Bonny. *Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change*. London: Longman/Pearson Education, 2000.

PAES DE BARROS, E.; MOURA, D. A. O ensino de inglês nos anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades. *Revista Linguagens em (Dis)curso*, Tubarão, v. 20, n. 3, p. 653–675, 2020.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical applied linguistics: A critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TÍLIO, Rogério. Línguas adicionais na BNCC: língua inglesa e o ensino por multiletramentos. In: LIMA, D. C.; TÍLIO, R. (Orgs.). *Língua inglesa na BNCC: debates e proposições*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. p. 13–40.